

Guerra Junqueiro e as paródias: «A velhice da Madre Eterna»

Na estricte significação da palavra, a paródia traduz uma imitação cómico-burlesca de um poema sério. É, assim, uma relação de leitura, um fenómeno de intertextualidade, onde a desproporção entre o sentido da obra que lhe está subjacente, à qual se alude de forma contínua, e a nova aplicação que dela se faz na paródia, lhe confere o seu principal traço característico.

A paródia constitui um pequeno ramo literário. Pese embora uma certa valorização do seu papel no desenvolvimento e transformação dos géneros e na evolução dos sistemas literários, o estudo da paródia não tem merecido a atenção dos investigadores portugueses.

No século passado, sobretudo ao nível do teatro, foi um recurso estilístico que entre nós alcançou grande fortuna. Como veículo mais impressivo, por meio dela se fazia a sátira aos costumes, à política, religião, sociedade, etc. Uma parte importante da produção romântica portuguesa é, aliás, intrínseca, e inevitavelmente, paródica. Veja-se, por exemplo, que Camilo Castelo Branco converteu o próprio Romantismo em objecto de escrita paródica¹.

Quando a tónica do burlesco da paródia não é insultuosa, traduz uma verdadeira homenagem ao autor e à obra parodiados, significando, assim, por norma, quer a grandeza do autor, quer o valor e a popularidade da(s) sua(s) obra(s).

¹ Cf. ABREU, M. F. - Paródia. In *DICIONÁRIO do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 405-408. Coord. de Helena Carvalhão Buescu. Para uma definição da paródia e seu alcance pragmático, extrapolando o âmbito literário, veja-se: HUTCHEON, Linda - *Uma teoria da paródia: Ensinaamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Ed. 70, 1989.

Em carta a Alberto d'Oliveira, provavelmente datada de Maio/Junho de 1891, Guerra Junqueiro afirmava que «A sátira é ainda uma forma de idealismo. Cristo dava chicotadas»². Grande parte do seu esforço transformista pela escrita foi movido por este género literário, ainda que, e em rigor, Junqueiro tenha sido mais panfletário do que satírico.

Não temos notícia de nenhuma paródia assinada por Guerra Junqueiro. No entanto, e tal como o seu mestre Vítor Hugo, também Junqueiro em muitas das suas obras foi objecto de paródia: *A Morte de D. João*³, *A Velhice do Padre Eterno*, algumas das peças contidas nesta última e em *A Musa em férias*, como *O melro* e *O fiel*. Também a *Lágrima* e as próprias *Oração ao Pão* e *Oração à Luz*⁴.

No número anterior desta revista apresentámos o fundo bibliográfico de/sobre Guerra Junqueiro, pertencente a Pedro Bandeira e recentemente adquirido pela Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto⁵.

Nele se encontram oito paródias a obras do poeta de Freixo:

1. ANZOES, José - *Oração ao raio... que o parta*. (Para alívio de tristes e consolação de afflictos). Porto: Autor, 1904, 8 p.
2. BRANQUINHO, José - *Ladrão... de milho*. Paródia à *Oração ao Pão do grande poeta Guerra Junqueiro*. Porto: A. Figueirinhas, 1902. 19 p.
3. CLARO, Nunes - *Oração da fome*. (A *Guerra Junqueiro*). Lisboa: Gomes de Carvalho, 1902. 15 p.
4. COELHO, Balthazar Dias - *O sorriso*. Anthitese do poemeto «A lágrima» do Snr Guerra Junqueiro. Viana: [Autor?], 1892. 16 p.

² OLIVEIRA, Alberto d' - O Nacionalismo na literatura e as «palavras loucas». *Lusitania - revista de estudos portugueses*. III (Outubro de 1925). p. 30-31. Também em IDEM - *Vida, poesia & morte (Prosa e verso)*. Coimbra: «Lumen», 1926. p. 252-254.

³ Em 1895, escrevendo sobre «escritores dramáticos e seu público», Fialho d'Almeida afirmou: «Quando apareceu há vinte e um anos a *Morte de D. João*, os Junqueiros que nove meses depois romperam a amesquinhar pela paródia os alexandrinos satânicos do poeta, foram tantos, que por fim já não era possível discriminar o original, da imitação: imagens, melopeia, rimas, género de imaginação, tudo roubado, cada larápio pugnando-se como o verdadeiro auctor do eleixir». ALMEIDA, Fialho d' - *À esquina*. (*Jornal dum vagabundo*). Coimbra: F. França Amado, 1903. p. 148-149.

⁴ O melhor elenco das paródias feitas às obras de Junqueiro, mais de duas dezenas, o que é bem ilustrativo da popularidade que o poeta grangeou, continua a ser o de: LIMA, Henrique de Campos Ferreira - *As paródias na literatura portuguesa - Ensaio bibliográfico*. Lisboa. 1930. p. 58-64. O primeiro esboço deste notável trabalho foi um artigo publicado seis anos antes: IDEM - *As paródias na literatura portuguesa*. *Diário de Notícias* (8/5/1924). p. 4. col. 1, 2. o qual, com leves modificações e correções, aparece agora como «Introdução» a este ensaio bibliográfico.

⁵ PEREIRA, Henrique Manuel S. - Junqueiriana - Fundo bibliográfico. *Humanística e Teologia*, 1998, 19, 139-176.

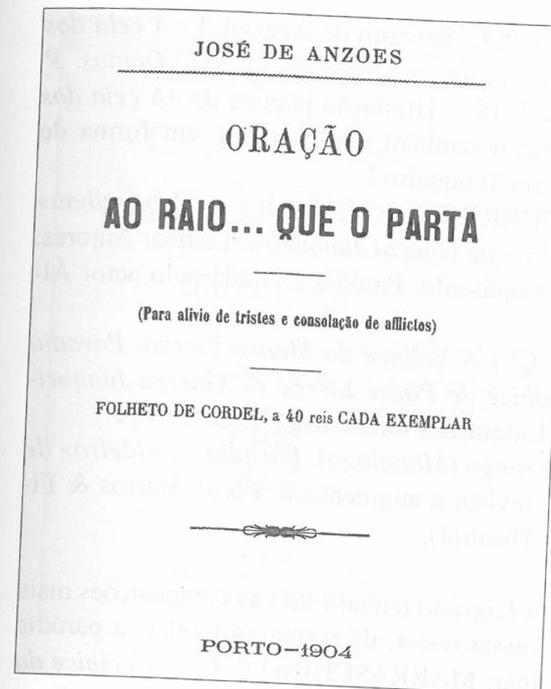


Fig. 1



Fig. 2

5. CRISPIM [Pseudónimo de E. Severim de Azevedo] - *A ceia dos maioraes. Imitação politica d'A ceia dos cardeaes do Sr. Julio Dantas*. 3ª edição. Lisboa: [Autor?], [1912?]. 19 p. [Imitação poética de «A ceia dos cardeais» de Júlio Dantas⁶. Inclui também uma paródia, em forma de imitação, à «Lágrima» de Guerra Junqueiro.]

6. GASPAR, João - RODRIGUES, José Mendes - «*O bacalhau*» (monólogo). *Paródia a «O Melro» de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Autores, [19?]. Não paginado. [Pequeno opúsculo. Paródia recitada pelo actor Álvaro de Almeida].

7. MARRASCHINO & C^a - *A Velhice da Madre Eterna. Parodia excentrica e humoristica á Velhice do Padre Eterno de Guerra Junqueiro*. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1885. 175 p.

8. ROCHA, Sousa - *O Frango (Monologo). Parodia ao «Melro» de Guerra Junqueiro*. 2ª edição revista e augmentada. Porto: Barros & Filha, 1889, 10 p. (Bibliotheca Theatral).

Pese embora *O Melro* e a *Lágrima* tenham sido as composições mais parodiadas de Junqueiro, interessar-nos-á, de forma particular, a paródia aqui apresentada em sétimo lugar: MARRASCHINO & C^a - *A Velhice da Madre Eterna. Parodia excentrica e humoristica Á Velhice do Padre Eterno de Guerra Junqueiro por três cabeças distinctas e futuros socios de varias academias e phylarmonicas*. No Rio de Janeiro Empreza Litteraria Fluminense. Rua do General Camara, 1885. Depositaria, Livraria Internacional. No verso do front.: Imprensa Internacional. Vol. in-8º gr. de 175 pag., com diversas caricaturas, algumas alegadamente de Rafael Bordalo Pinheiro.

Da escrita paródica à obra de Junqueiro, *A Velhice da Madre Eterna* foi certamente a mais mediatizada, quer pelo seu valor e extensão, quer pelas especulações decorrentes do enigmático pseudónimo Marraschino & C^a.

A VELHICE DO PADRE ETERNO

A Velhice do Padre Eterno, obra que, mais do que nenhuma outra, contribuiu para fortalecer entre nós a corrente anti-clerical, provocou grande impacto mesmo antes de ser publicada.

⁶ Quer em Portugal, quer no Brasil, este foi certamente o livro mais parodiado da literatura portuguesa.



Fig. 3

Corria o ano de 1885. Pelos inícios de Agosto, *O Primeiro de Janeiro* dava já como impresso esse «feixe magnífico de sátiras». Dizendo já expedidos para o Brasil grande número de exemplares, apontava a sua publicação em terras lusas para o dia 15 do corrente⁷.

Guerra Junqueiro estava consciente do poder demolidor do seu livro cujo lançamento estava previsto para o dia 18 de Agosto de 1885. Tanto assim que, próximo dessa data, tem o cuidado de escrever, com carácter de urgência, uma carta ao seu amigo Luís de Magalhães:

«Logo que esta receba peço-lhe o obséquio de ir procurar o Leitão e dizer-lhe da minha parte que a *Velhice* do reverendo Omnipotente só pode ser posta à venda no dia 20. A razão é simples. No dia 19 vou a Braga e daí para o Porto. Ora, se o livro aparecesse no dia 18, arriscava-me a ir de Braga para a Eternidade com a cabeça partida por algum hissopo»⁸.

⁷ Guerra Junqueiro. *O Primeiro de Janeiro* (4/8/1885). p. 2, col. 4

⁸ Temos em mãos o texto integral desta carta. Em razão da sua extensão e restante conteúdo, não nos parece ser este o espaço e o momento para a sua divulgação. Encontra-se, no entanto, um extracto desse texto em: LOPES, Norberto - A posição espiritual de Guerra Junqueiro. *Memórias Acad. Ciências de Lisboa e C. Letras*. 21 (1980). p. 246; repetido em: NEVES, Moreira das - *Guerra Junqueiro. O homem e a morte*. Porto: Domingos Barreira, 1942. p. 208.

No dia 19, ainda *A Velhice do Padre Eterno* não tinha saído, *O Primeiro de Janeiro* lavrava-lhe a primeira recensão⁹. No dia seguinte, transcrevia-lhe alguns trechos¹⁰, e no dia 21 publicava pela primeira vez um anúncio que iria repetir nos dias seguintes. Ficámos então a saber a data do seu lançamento, bem como a função do Leitão a quem Junqueiro na carta se referia:

«1 volume — 1\$000 reis
Pelo correio, registado — 1\$120 reis.
Estará á venda na segunda feira, 24 do corrente.
Pedidos a Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada 215 - Porto»¹¹.

A VELHICE DA MADRE ETERNA

1. O autor

Foi de tal forma forte a impressão causada por *A Velhice do Padre Eterno*, que a 9 de Setembro desse ano de 1885, poucos dias passados, portanto, após a sua publicação, já a *Folha Nova* lhe anunciava uma paródia - *A Velhice da Madre Eterna*. E pegando num prospecto de divulgação prévia, transcreve: «Este livro, colaborado por um grupo de poetas distintos e boémios insubmissos da nossa literatura e jornalismo, deve fazer uma bulha ruidosa no domínio dos escandalos alegres (...)»¹². A mesma notícia e promessa apareceram reiteradas em vários jornais¹³.

Em *O Commercio Portuguez* do dia 15, pode lêr-se: «Desde que se anunciou o proximo aparecimento deste livro de versos que promete fazer um escandalo medonho na nossa pequenina Parvonia, tudo era per-

⁹ A Velhice do Padre Eterno. *O Primeiro de Janeiro* (19/8/1885). p. 2. col. 1, 2.

¹⁰ A Velhice do padre Eterno (Excerptos). A Semana santa. Aos Simples. A Valla Commum. *O Primeiro de Janeiro* (20/8/1885). p. 1, col 1-7.

¹¹ Guerra Junqueiro. A Velhice do Padre Eterno. *O Primeiro de Janeiro* (21/8/1885). p. 3, col. 1.

¹² A Velhice da Madre Eterna. *Folha Nova*. (9/9/1885). p. 2. col. 5.

¹³ Nomeadamente: A Velhice da Madre Eterna. *O Commercio Portuguez* (10/9/1885). p. 2. col. 2: «Annuncia-se para breve a aparição de um livro destinado a fazer grande sensação, a *Velhice da Madre Eterna*, paródia excentrica de humorística à *Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro. Segundo informações que de boa fonte nos são ministradas, o novo livro, colaborado por um grupo de poetas distintos, deve fazer uma bulha ruidosa nos dominios dos escândalos alegres. A edição é ilustrada por diversos artistas de nome. O livro deve ser posto à venda no dia 13 do corrente»; A Velhice da Madre Eterna. *Folha Nova*. (12/9/1885). p. 2. col. 2, 3; *Novidades. (Letras e artes)*. (13/9/1885); *Correio da Manhã* (12/9/1885).



Fig. 4

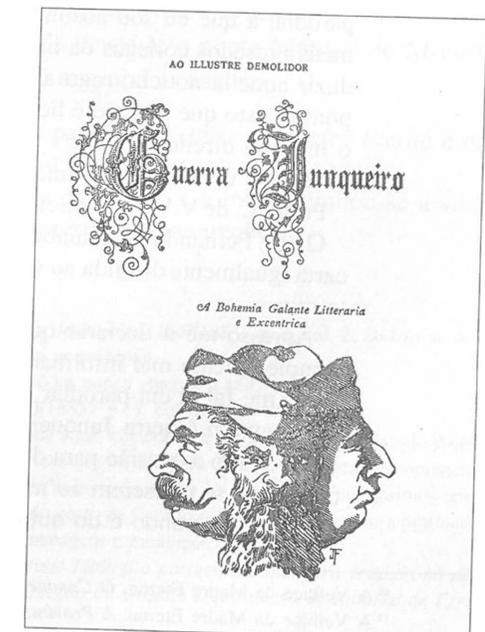


Fig. 5

guntar: «Mas os autores? Quem são os autores? Quem vem a ser esses tais rapazes, esses *bohenios*, esses *poetas modernissimos* que se abalançam a parodiar o livro de Guerra Junqueiro e nos acenam por detras do anónimo com um rosario de coisas mais picarescamente *gauloises* que em letras patrias se tem lido? Vamos satisfazer a curiosidade muito natural do indigena. O livro é editado pela casa Chardron e feito por um grupo de poetas muito conhecidos. São os Snrs. Fernando Leal, Abel Acacio, Gualdino Gomes, Inácio da Silva, Joaquim de Araújo, António Nobre, Bernardo Lucas e Xavier de Carvalho. A paródia à *Velhice do Padre Eterno* será posta à venda dentro de quinze dias»¹⁴.

Porém, Fernando Leal e Joaquim de Araújo, dois dos ali citados, logo se apressam a negar fazer parte do gupo dos autores¹⁵. E na edição do dia seguinte, *O Commercio Portuguez*, escrevia:

«Do nosso amigo Joaquim de Araújo recebemos a carta seguinte que diz respeito a uma notícia que o *Correio da Manhã* e nós publicámos sobre a colaboração do livro prestes a aparecer - *A Velhice da Madre Eterna*:

‘Meus queridos amigos

No «Correio da Manhã» de hontem, noticiando a proxima publicação da «Velhice da madre Eterna», citam V.V. o meu nome, entre a pleiade dos illustres poetas que tomaram sobre si a realização d’aquella parodia, a que eu sou absolutamente extranho. A V.V. e a todos os meus presados collegas da imprensa, que porventura hajam de reproduzir aquella noticia, rogo a instante fineza de a rectificarem n’este ponto, visto que me não é licito compartilhar glorias a que não tenho o minimo direito.

Sempre com toda a estima

Porto, C. de V.V., 13 de Setembro, de V. V. etc - Joaquim de Araujo’.

O Snr. Fernando Leal também publicou nas *Novidades* de ontem uma carta igualmente dirigida ao *Correio da Manhã* em que o distinto poeta diz:

‘Apresso-me a declarar que na parte que me diz respeito, foi V. completamente mal informado; pois eu nunca pensei e até hoje ninguém me falou em parodiar a notavel obra do festejado poeta e meu velho amigo Guerra Junqueiro.

Aproveito a ocasião para dizer também que nunca parodiei, e, se os fados não se opuserem ao meu propósito, nunca parodiarei coisa alguma deste mundo e do outro, é claro»¹⁶.

¹⁴ A Velhice da Madre Eterna. *O Commercio Portuguez* (15/9/1885). p. 2. col. 3.

¹⁵ A Velhice da Madre Eterna. *A Província*. (Porto). (15/9/1885). p. 2. col. 4.

¹⁶ A Velhice da Madre Eterna. *O Commercio Portuguez* (16/9/1885). p. 2. col. 6.

A missiva de Joaquim de Araujo foi também publicada em vários outros periódicos¹⁷ aparecendo também, à laia de «Declaração», na publicação da *Madre Eterna*.

Fernando Leal e Joaquim de Araújo pareciam, pois, ilibados de «tã ratona publicação». Contudo, *O Correio do Porto* de 5 de Outubro desse ano de 1885, ao anunciar para breve uma outra paródia à *Velhice do Padre Eterno*, intitulada *Viagem ao Parnazo*¹⁸ e referindo-se ainda à *Velhice da Madre Eterna*, indiciava não estar muito convicta daquela isenção de culpa: «(...) não é verdade ó Ignacio, Gualdino, Rodrigues, Xavier e todos quantos collaboraram e até declararam nada terem com a paternidade de tão ratona publicação»¹⁹.

O assunto não estava, portanto, ainda claro e a tinta continuava a correr. Oito anos volvidos e enganando-se, embora, na data da publicação de *A Velhice da Madre Eterna*, a *Nova Alvorada*, revista de Famalicão, em nota, dizia-a ainda «feita pelos srs. Xavier de Carvalho, Joaquim de Araújo, Ignácio da Silva e outros ao poema de Guerra Junqueiro que por então (1884) apareceu causando certo ruído no mundo literário»²⁰.

Num catálogo de 1926, em nota relativa à *Velhice da Madre Eterna*, ainda se lê: «Esta obra foi impressa no Porto e são seus autores Joaquim de Araujo e Manuel de Moura; apesar do desmentido d’aquelle na presente obra»²¹.

Henrique de Campos Ferreira Lima, querendo tirar a limpo estas afirmações e desmentidos, inquiriu da verdade o poeta Manuel de Moura, o qual, com data de Abril de 1927, respondeu assim:

«Póde V. Ex^a dizer que a paródia à *Velhice do Padre Eterno* é de Xavier de Carvalho, falecido em Paris, ainda não há muito.

A intervenção de Joaquim de Araujo e a minha limitou-se a simples cuidados de revisão literária dalguns trechos.

¹⁷ A Velhice da Madre Eterna. *O Primeiro de Janeiro* (16/9/1885). p. 2, col. 2; *Diário de Notícias* (18/9/1885), e neste mesmo jornal quarenta anos depois.

¹⁸ Tanto quanto julgamos saber, esta paródia nunca chegou a sair.

¹⁹ Pela capital. *O correio do Porto* (5/10/1885). p. 3. col. 2.

²⁰ *Nova Alvorada* 3 (1/6/1893). p. 22. Ainda aqui, tratando das cartas de Camilo Castelo Branco, escrevia: «parece-nos, sem termos disso a certesa que ha tambem uma carta do grande romancista por ocasião de apparecer em 1884 a paródia «A Velhice da madre Eterna.» Não conseguimos apurar da existência desta carta. Sabe-se, no entanto, do gosto de Camilo pelas paródias, tendo-a praticado no que ela significa quer de critica, quer de homenagem e emulação.

²¹ *Catalogo da livraria que foi d’um distinto bibliofilo portuense e que será vendida no dia 19 de Janeiro, pelas 20 horas (8 horas) sob a direcção da Grande Liquidadora de Antonio de Freitas etc.*, Porto 1926. p. 36.

Os meu mais vivos agradecimentos a V. Ex.^a pela cativante delicadeza das suas deferências para comigo.

De V. Ex.^a
com a mais alta consideração
Manuel de Moura

Bonjardim, 385 - Porto.»²²

A maior responsabilidade na autoria desta paródia parece pertencer, de facto, a Xavier de Carvalho (Lisboa 1862 - Paris 1929). A sua obra poética terá começado precisamente naquele trabalho. Fica, no entanto, para a história literária como um dos poetas introdutores do decadentismo em Portugal no finais do século XIX e um dos principais intermediários das culturas portuguesa e francesa nessa época²³.

A confirmação da sua autoria encontramos-la agora num manuscrito de Gualdino Gomes patente no exemplar da *Velhice da Madre Eterna* existente na «Junqueiriana» da U.C.P. - Porto. Está datado de 1934 e aparece colado antes do frontespício da obra, precedido de uma fotografia sua.

Este documento inédito, indiciador de um certo despeito, constitui um importante e decisivo contributo para a clarificação desta questão:

«A ideia desta mixorafada luziu num versejador portuense de nome Xavier de Carvalho. Ainda no prelo (setembro de 1885) foi a obra anunciada pelo *Correio da Manhã*, de Lisboa, atribuindo-a ao concurso de Fernandes Leal, Joaquim de Araújo, Abel Botelho, António Nobre, Inácio da Silva, Gualdino Gomes e Xavier referido.

Os primeiros dois vieram logo a declarar que não entraram na Paródia. Inácio da Silva e Gualdino Gomes também se excluíram mais tarde, alegando o haver sido posta de lado a sua colaboração.

Deixaram-se julgar à revelia os restantes. Andaram bem, que a sensaborona e destrambulhada *Velhice* poucos dias teve de vida, afundando-se na indiferença geral.

Mesmo este aqui-jaz bibliográfico se não destina a ser cincuentenária comemoração, mau-grado porvir de um dos colaboradores rejeitados.

Gualdino Gomes

Setembro de 1934».

Recorde-se que Gualdino Gomes, homem de uma só obra publicada (*Bolas de Papel*) e com alguns poucos dispersos, se bem que merece-

²² LIMA - *As paródias na literatura*, p. 60-61.

²³ Cf. MACHADO, Álvaro Manuel - *Dicionário da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Presença, 1996. p. 109.

A ideia desta mixorafada
luziu num versejador por-
tuense de nome Xavier de
Carvalho. Ainda no prelo
(setembro de 1885) foi a obra
anunciada pelo *Correio da
Manhã*, de Lisboa, atribuindo-
a ao concurso de Fernandes
Leal, Joaquim de Araújo, Abel
Botelho, António Nobre, Inácio
da Silva, Gualdino Gomes e
Xavier referido.

Os primeiros dois vieram
logo a declarar que não entra-
ram na Paródia. Inácio da Sil-
va e Gualdino Gomes também

Fig. 6

se excluíram mais tarde, ale-
gando o haver sido posta de
lado a sua colaboração.

Deixaram-se julgar à re-
velia os restantes. Andaram
bem, que a sensaborona e des-
trambulhada *Velhice* poucos
dias teve de vida, afundando-
se em indiferença geral.

Mesmo este aqui-jaz bibli-
ográfico se não destina a ser cin-
cuentenária comemoração,
mau-grado porvir de um
dos colaboradores rejeitados.

Gualdino Gomes
Setembro de 1934

Fig. 7

dor de muitas referências por parte de consagrados escritores portugueses, foi um dos apontados autores da paródia *A Velhice da Madre Eterna*.

Assim, por exclusão das partes e omissão de alguns dos visados, onde se lê MARRASCHINO E C^a, deve então ler-se: Xavier de Carvalho, Abel Botelho, António Nobre, cabendo ao primeiro a maior responsabilidade.

2. A obra

Esclarecido o controverso pseudónimo, algumas notas sobre paródia *A Velhice da Madre Eterna*, apresentada por si própria. Logo após o frontespício, abre com duas dedicatórias: uma *Ao ilustre demolidor Guerra Junqueiro A Bohemia Galante Litteraria e Excentrica* (neste lugar uma vinheta com três cabeças ligadas²⁴), outra *A Bordallo Pinheiro o insubmisso dos Pontos nos iii, Os Excentricos da Bohemia Litteraria do Norte*.

Os autores, no prólogo, sem título, prestam homenagem a Guerra Junqueiro: «Este livro, onde a ironia alegre esfusia em girandolas vibrantíssimas, é primeiro que tudo uma consagração ao grande demolidor e poeta peninsular que firmou ha menos d'um mez um luminoso livro *heretico A VELHICE DO PADRE ETERNO*».²⁵

Depois, mais adiante, dão-nos a conhecer o *leitmotiv* e intenção da obra: «(...) Ora foi a compreensão de Junqueiro, querendo transplantar para a scena politica todo o scenario religioso, que um punhado de rapazes, de sangue quente e generoso, ricos de seivas, perlados de entusiasmo lucidos, como manhãs de maio em pleno campo - tentaram o que os leitores vão ler - se acaso tiverem paciencia para tal. O que ahi fica é uma *rigolade*, que está para o Lutrin, para os seus methodos especiaes e para os seus processos intimos, assim como a *Gata Borrallheira* está para o *Fausto*.

A Madre Eterna - é a sociedade actual com todos os ridiculos, com todos os seus vicios, com todos os seus conselheiros de peschisbeque, com todos os seus jornalistas para rir, com todas as suas apotheoses truanescas. Este livro é um filho do seu tempo - de tudo ri e de tudo troça. E quando a espaços, põe de parte a gargalhada juvenalesca e agarra no tagante huguesco, a indignação espirra por todos os lados, laivada de sangue espumante e quente.

²⁴ Quer-se provavelmente sublinhar a abertura da obra com a representação de *Janus*, o deus romano dos princípios que é retratado com uma cabeça com dois rostos virados para lados opostos. O seu nome deriva de *janus*, «entrada» ou «porta». Daí que na reforma do calendário de Júlio César o seu nome tenha sido dado ao primeiro mês.

²⁵ MARRASCHINO & C^a - *A Velhice da Madre Eterna*. p. [9].

A Velhice da Madre Eterna é portanto uma obra de regabofe. Escripita por meia duzia de rapazes - dos que não sollicitam adjectivos nos jornaes dos que se não dão ares de parnasianos ou de macaqueadores de Hugo, á falta de cousa melhor a extrahir da pedreneira do craneo, - este livro explue sómente a gargalhada trocista, sem *parti-pris* odientos, sem beliscadellas que firam.

Tanto se lhe poderia chamar a *Velhice da Madre Eterna*, como a do *Papão*, como a do *Corropio*, como a da *massaroca*, ou do diabo. São perto de duzentas páginas alegres, soando como um clarim revoltoso atravez do pitoresco e da satyra (...).»²⁶

Depois de algumas explicações prévias, onde dizem, por exemplo, que na *Semana das Eleições*, uma das partes da *Velhice do Padre Eterno* aqui parodiadas,²⁷ «veem dois sonetos que não pertencem a Marraschino & C.^a; o primeiro é de Gomes Leal e o segundo é de João de Deus»²⁸, dão por terminada a sua missão. «Marraschino & C.^a, sociedade trocista de gargalhada permanente depõe as pennas galhofeiras aos pés de Junqueiro, (não confundir os pés do Baptista) - o poeta colossal cuja lyra é um Hymalaia de tropos luminosissimos e aos pés de Bordallo Pinheiro - o implacavel demolidor d'esta sociedade apodrecida e balôfa. Ambos elles são uma força e foi á sombra d'esta honrada e gloriosa força que marraschino teve a petulancia de flunar um pouco pelos dominios do escandalo alegre e da cebola (...).»²⁹

Pelo exposto, fácil é inferir do apreço de «Marraschino e C.^a» pela figura Junqueiro. Tal é, aliás, sublinhado na intenção de fazer desta paródia um presente de aniversário natalício ao Poeta: «A impressão d'este livro foi concluida a 17 de setembro, dia dos annos do distinto poeta peninsular Guerra Junqueiro o auctor da *Velhice* e do *D. João*».

Valeu a boa intenção dos seus autores, já que o Poeta não nasceu nesse dia. Também Henrique de Campos Ferreira Lima, no seu valioso en-

²⁶ *Ibidem*. p. 10-12.

²⁷ São estes os títulos das composições de *A Velhice da Madre Eterna*, ilustradas por várias desenhos-caricaturas: Aos pobres de espirito; A meza do orçamento; A albarda e o syndicato; Granjolas; O compadre Tristão; Resposta á carta; O condecorismo; A arvore da liberdade; A semana eleitoral; Zilu; A nau do estado; Calembourg; Ladainha de S. Bento; Como se faz um deputado; As aguas de Vidago; O dinheiro do Zé; Os tres da gran-duqueza; Ladainha do Zé; Os rouxinóis de S. Bento; De bico amarello (Variante ao rouxinol) [clara alusão a *O melro*]; Circular-relatorio; Na abertura das cortes; A hydra; A urna; Post-Scriptum; A sesta da Juliana; A madre em Pancas.

²⁸ *Ibidem*. p. 12.

²⁹ *Ibidem*. p. 13.

saio bibliográfico se engana: «Nasceu este notável poeta contemporâneo em Freixo de Espada à Cinta em 12 de setembro de 1850 e faleceu em Lisboa a 7 de Julho de 1917.»³⁰ Ora, Guerra Junqueiro nasceu, de facto, no ano de 1850, em Freixo de Espada à Cinta, mas a 15 de Setembro. Viria a morrer, de facto, no dia 7 do mês de Julho, em Lisboa, mas seis anos depois (!), em 1923.

HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA

³⁰ LIMA - *As paródias na literatura*, p. 58.